

Mudanças afetam imagem

As mudanças freqüentes no comando da economia e da negociação da dívida externa brasileira estão contribuindo para piorar a imagem do Brasil perante a comunidade financeira internacional, acredita o presidente do Banco de Tóquio, Toshiro Kobayashi. Por isso, a efetivação de Mailson da Nobrega no Ministério da Fazenda, "considerado um bom profissional de carreira", e a manutenção de Fernando Milliet, na presidência do Banco Central, poderão ser interpretados, segundo ele, como um alento para os credores estrangeiros.

Milliet não é muito conhecido no Exterior, disse Kobayashi. Os poucos representantes das instituições credoras do Brasil que mantiveram contato com ele tiveram boa impressão, afirmou. "Mas, isso não ajuda muito", pois os banqueiros mal tiveram tempo para se familiarizar com os métodos adotados por Fernão Bracher (ex-assessor do Ministério da Fazenda para a dívida externa) e agora terão de se adaptar a uma outra pessoa. "Cada um tem características peculiares e a mudança interrompe o processo de negociação."

Kobayashi está convencido de que o caminho adequado a ser seguido pelo Brasil deve ser o inverso ao que estava sendo proposto pelo ex-ministro Bresser Pereira. Os credores, para ele, não podem sofrer prejuízo nas negociações, pois existe o risco deles se afastarem do mercado voluntário. Ao invés de se preocupar em reduzir a sua dívida através da negociação de títulos com deságio, Brasil deve se empenhar em atrair novos capitais para poder promover um crescimento adequado e, assim, poder pagar a sua dívida com mais facilidade.

"Todos gostam muito do Brasil, especialmente os japoneses. Mas é preciso que o País se transforme num bom risco, mais atrativo aos investidores estrangeiros", disse o presidente do Banco de Tóquio, instituição que é credora do Brasil em pouco mais que US\$ 1 bilhão. Kobayashi cita o exemplo de Taiwan, que atualmente acumula reservas de US\$ 75 bilhões. "Se aquele país tão pequeno consegue isso, imagine o Brasil com todo o seu potencial."

Por isso, a receita recomendada por ele é a convencional, ou seja, a formalização de um acordo formal com os bancos e com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para então apresentar ao mercado propostas de operações voluntárias que proporcionem vantagens aos credores, como está sendo feito pelo México. Kobayashi considera atrativa a conversão da dívida em capital de risco, mas não da forma como foi regulamentada pelo Banco Central. "Muito complicado para nós credores."